



**Entre este ano e 2003, estamos com as contas resolvidas. O Brasil não vai precisar captar**

**Luiz Fernando Figueiredo**

# Diretor do BC diz que o País vive 'clímax da incerteza'

**Para Luiz Fernando Figueiredo, apostar na reestruturação da dívida seria um erro**

**SHEILA D'AMORIM**

**B**RASÍLIA – A uma semana da eleição presidencial, com o dólar batendo recordes seguidos, o diretor de Política Monetária do Banco Central, Luiz Fernando Figueiredo, diz que o País vive o "clímax da incerteza", mas aposta em dias melhores no último trimestre do ano. O ajuste nas contas externas, afirma, dá tranquilidade no meio de tanta turbulência.

Apostar na reestruturação da dívida do Brasil é um erro, diz ele.

Para os mais céticos, Figueiredo afirma que o governo já tem garantidos mais de US\$ 8 bilhões para o pagamento dos compromissos externos da República até o fim de 2003 e que o Tesouro tem mais R\$ 90 bilhões em caixa para fazer frente a dívidas que somam perto de R\$ 80 bilhões, até dezembro. Acompanhe os principais trechos da entrevista:

**Estado – Que consequências tem a atual turbulência na administração da dívida pública?**

**Luiz Fernando Figueiredo –**

Do ponto de vista externo, o Brasil está passando por um ajuste muito forte nas necessidades de financiamento. O patamar de recursos necessários está mudando no mercado internacional. Este ano, o déficit em conta corrente vai ser de US\$ 14 bilhões ou menos e, em 2003, provavelmente US\$ 12 bilhões. A balança comercial está surpreendendo sempre para cima. Os demais itens, quando é saída de recurso, surpreendem para baixo, quando é entrada, para cima.

**Estado – Mas as empresas enfrentam dificuldades para rolar suas dívidas.**

**Figueiredo –**

Um ponto importante é que o Brasil, nesse processo todo, se acostumou a ter uma necessidade de linhas de comércio mais baixa. As empresas estão se acomodando a essa situação e têm várias possibilidades: troca a linha externa por local, rola, no curto prazo, a linha externa, antecipa receitas. Por exemplo, as empresas antecipam vendas para o exterior e geram receita em dólar. Substitui produtos que importa por produtos locais e necessita de menos dólares. Em alguns casos, tem a conversão de dívida em investimento.

**Estado – A escassez de recursos pode gerar problema também para o governo federal?**

**Figueiredo –**

Temos entre outubro deste ano e dezembro de 2003 pagamentos em torno de US\$ 9,1 bilhões. Fora do acordo com o FMI temos, só do BID e do BIRD, US\$ 7 bilhões a receber. Se considerar a remuneração

ção das reservas, que é um pouco superior a US\$ 1 bilhão por ano, vemos que praticamente não há pagamento líquido a fazer. Então, entre este ano e 2003, estamos com as contas resolvidas.

**Estado – Se o cenário estiver ruim não será preciso fazer captações da República?**

**Figueiredo –**

O Brasil não vai precisar captar. O que o BC vai fazer? Sempre olhando que temos que deixar um volume prudente de reservas, não vamos atuar muito intensamente a ponto de chegar no futuro com um volume pequeno de reservas. Mas isso não quer dizer que o BC não vai ajudar o setor privado a administrar esse processo.

**Estado – Ainda assim o mercado vive todo esse estresse.**

**Figueiredo –**

Temos de olhar outro ponto, que é a dívida local.

O Tesouro tem hoje um caixa

muito grande para pagamento de dívida: entre R\$ 70 bilhões e R\$ 80 bilhões. Entre recebimentos e resultado primário líquidos, já descontando as despesas, o Tesouro vai ter algo entre R\$ 10 bilhões e R\$ 15 bilhões a mais. Isso

vai levar o caixa para algo perto de R\$ 90 bilhões.

É maior do que volume de vencimentos até o

fim do ano, que é algo em torno de R\$ 80 bilhões. Olhando os fundos de renda fixa, eles têm estando mais estáveis e há um bom equilíbrio entre saques e

aplicações. Os títulos públicos locais tiveram uma recuperação forte. Vivemos agora o clímax da incerteza. Não estou dizendo que as coisas não podem piorar. Mas

podem melhorar também.

**Estado – O fato de o BC ter anunciado previamente que não iria rolar os próximos vencimentos de contratos cambiais não contribuiu para pressionar ainda mais a cotação?**

**Figueiredo –**

Pelo contrário. Pesquisamos todos os que tinham hedge vencendo para saber qual era a intenção deles.

Vimos que nos três vencimentos, de 20 e 25 de setembro e 1º de outubro, a demanda para rolar era baixa.

Como sabíamos que, no leilão não íamos rolar, nos antecipamos para diluir isso no tempo.

**Estado – Se o leilão fracassasse, a consequência seria mais estresse no mercado?**

**Figueiredo –**

Claro. As pessoas iam ficar afilhas antes e, no dia do leilão, haveria mais estresse.

Quando o BC faz um leilão e não tem sucesso, sempre tem aquela história de que ele não

conseguiu vender. Na verdade, já sabíamos antes que não conseguiríamos vender. Então, era melhor falar.

**Estado – Isso não fez com que muitos apostassem na alta do dólar para ganhar mais?**

**Figueiredo –**

Pelo contrário. Não digo que aconteceu, mas é

muito mais fácil uma pessoa tentar manipular num dia só do que em vários dias.

O que acontece é que não podemos esquecer o fator mais importante: estamos há

uma semana da eleição, que é o fato mais esperado do ano. É natural uma ansiedade muito

maior nesse período.

**Estado – E o que faz o BC?**

**Figueiredo –**

O BC lança mão

dos instrumentos que tem para

manter o sistema o mais dentro

da normalidade possível. Ele deve agir de maneira responsável e

prudente. Nos últimos 20 anos,

nunca o BC foi tão ativo. Vamos

relembrar: fizemos uma série de

leilões de troca de títulos, um

programa de recompra, lan

çamos mão de compulsório para

enxugar a liquidez, deixamos de

vender papéis cambiais, passa

mos a vender swap, fizemos

operações de linha externa interbancária,

de linha de comércio e ou

tras coisas.

**Estado – Ainda assim, estamos vendendo a taxa de câmbio bater em R\$ 3,87.**

**Figueiredo –**

A taxa de câmbio está

muito acima do que é razoável.

Ela não reflete a realidade do

País, mas a ansiedade

é enorme.

**Estado – Com a alta do dólar, já se fala que a reestruturação da dívida será inevitável.**

**Figueiredo –**

As pessoas que

falam isso não conhecem bem o

País. Não sabem que a dívida é

detida por locais, que é tranquila-

mente administrável e que esta-

mos vivendo um momento de es-

trese extremo.

**Estado – O ex-vice-diretor-gerente do FMI, Stanley Fischer, afirmou que o estudo do diretor Ilan Goldfajn, que diz que a dívida é sustentável no longo prazo, está defasado.**

**Figueiredo –**

Os números dos estudos

são com base em ou-

tras premissas. A dívida tem

de ser vista ao longo do tempo,

e não é pouco tempo. Uma dívida

é ou não administrável se,

ao longo de dois, três, cinco

anos para frente, tem uma tra-

jetória explosiva. Não é o caso

da dívida brasileira.